

História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Volpi Scott, Ana Silvia

Por trás da cruz e por baixo da batina pode estar o diabo

História Unisinos, vol. 17, núm. 3, septiembre-diciembre, 2013, pp. 303-306

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866793006>

Resenha

Por trás da cruz e por baixo da batina pode estar o diabo

Behind the cross and underneath the robe may be the devil

Ana Silvia Volpi Scott

asvscott@gmail.com

GHIRARDI, M.; SIEGRIST, N. 2012. *Amores sacrílegos: amancebamientos de clérigos en las diócesis del Tucumán y Buenos Aires: Siglos XVIII - XIX*. Buenos Aires, CIECS CONICET – UNC/CEA – UNC, 324 p.

Estudar os amores sacrílegos, tema escolhido pelas autoras Mónica Ghirardi e Nora Siegrist, nos convida a analisar o *desrespeito ao celibato clerical* por parte de alguns membros da Igreja no mundo de colonização hispânica, e essa tarefa foi empreendida com muitos méritos. Sem dúvida, o primeiro deles foi lançar-se à própria tarefa de explorar um assunto tão difícil de ser tratado e, provavelmente, por isso mesmo, pouco frequentado pela historiografia. O segundo mérito do livro reside no fato de não se limitar apenas a analisar o desrespeito ao celibato clerical em si. As autoras avançam para a discussão relativa às *famílias constituídas por pessoas ordenadas*, chamando a atenção para os diferentes tipos de uniões que os clérigos mantiveram com mulheres de variados estratos sociais, pretendendo ser, portanto, um aporte para a historiografia sociocultural e da vida cotidiana nas antigas dioceses de Tucumán e Buenos Aires entre os séculos XVIII e XIX.

O desafio de penetrar no universo dessas famílias oriundas de relacionamentos sacrílegos e condenados pela Igreja só foi possível graças à exploração de um conjunto amplo e variado de fontes. O cruzamento do leque documental selecionado revelou, além das próprias *relações de concubinato* mantidas pelos integrantes do clero daquelas dioceses, as *trajetórias multifacetadas desses indivíduos* que se enredavam nas malhas do sacrilégio (padres e suas concubinas, ou barregãs), bem como, quando foi possível, acompanhou os percursos da prole gerada a partir daqueles relacionamentos considerados espúrios pela Igreja.

A meticulosa análise dessas diferentes experiências trouxe à luz casos exitosos, onde os amores sacrílegos não repercutiram negativamente nas gerações seguintes, assim como as autoras nos brindam com exemplos de casos em que o sacrilégio levou a desfechos menos felizes e, até mesmo, trágicos. A reconstituição dos itinerários e trajetórias vitais tornou tudo isso possível. Quero também

destacar a importância do uso de estudos genealógicos, que deram importantes subsídios para as autoras reconstruírem as trajetórias de famílias e de filhos nascidos a partir de *amores sacrílegos*.

Embora as autoras sublinhem que tais comportamentos não eram a regra, que a maioria dos clérigos respeitava os votos de castidade e que nem todas as mulheres aceitariam esse tipo de relacionamento, os itinerários apresentados nos instigam a aprofundar o estudo do tema, levando em consideração não apenas a sociedade hispano-americana, tema privilegiado aqui, mas também refletir sobre os amores sacrílegos nos espaços de domínio da América lusa.

Nos primeiros parágrafos da introdução, Mónica e Nora se perguntam se as práticas existentes na Espanha do século XVI teriam sido transplantadas para o império colonial espanhol, no que se refere aos intercursos sexuais sem união consagrada, especialmente entre aqueles indivíduos que tinham jurado manter a castidade.

A mentalidade popular da época, informam as autoras, entendia, por exemplo, que com as escravas seria *lícito* praticar a cópula – inclusive os clérigos estariam livres para fazê-lo – pois *se tratava de procriar novos escravos*. Portanto, nesses casos, tal comportamento não era alvo de reprovação e crítica, uma vez que o objetivo do “relacionamento” seria “econômico e não erótico”...

Essa aquiescência social é um tema interessante e foi impossível não recordar alguns outros estudos que abrem perspectivas muito interessantes para se analisar a anuência em relação à quebra do celibato clerical, por parte de outras instâncias do poder e das próprias comunidades onde se desenrolavam esses casos.

Assim, a partir da leitura dos “Amores sacrílegos”, é instigante refletir sobre experiências semelhantes ocorridas na América Portuguesa, referidas em estudos que analisam o clero colonial e que nos ajudam a contextualizar aquilo que já foi chamado, no Brasil, de “o sacrilégio permitido” (Neves, 1993).

A quebra do voto de celibato, entretanto, não parece ser o único problema que emergia no cotidiano colonial luso, conforme revelou estudo recente sobre a Capitania de Goiás (2011) (Castro, 2011). Naqueles rincões do interior da colônia, os sacerdotes foram acusados, além de amancebamento, de perturbar a paz e o sossego público (?!), assim como eram acusados de cobiça, manipulação do poder, roubo e simonia (tráfico de coisas sagradas ou espirituais).

Os amores sacrílegos inclusive poderiam levar a situações inusitadas, como mostra a história do pároco que viveu na Capitania de Goiás nos anos setecentos. Além de ter uma concubina mulata, “ela teve o extravagante desejo de querer dizer Missa. Seu amante logo fez-lhe a vontade, vestiu-a das vestes sacerdotais, colocou-a no altar,

ajudou-a, ensinou-a como havia de fazer e, assim, disse missa a Reverenda Mulata”.

Levando em conta esses casos, fica claro que o fenômeno da “incontinência sexual” e da geração de prole sacrílega foi recorrente no contexto ibero-americano. Considerando-se isso, certamente este livro servirá de inspiração para outros estudos, abrindo a possibilidade de análises comparadas nas diferentes dioceses latino-americanas.

Gostaria também de chamar a atenção para a organização e estrutura dos capítulos do livro que Mónica e Nora nos brindam.

As autoras traçam, inicialmente, um panorama sobre a legislação relativa aos amancebamentos de religiosos, através de um painel que refere os vários concílios que discutem a castidade e mancebia do clero, até as mudanças propostas pelo Concílio Tridentino e sua incorporação, sobretudo no XVII.

Na sequência, ao abordar o tema “Clero y castidad”, elas mostram que a palavra de ordem é segredo e discrição, assim como a tolerância em relação aos desvios também era uma das estratégias empregadas para enfrentar tais comportamentos.

Ao abordar o tema das “Mujeres, sexo y pecado”, procuram recuperar os discursos que faziam da mulher o bode expiatório, as culpadas pelos pecados dos homens, incluindo o dos clérigos: mulheres vistas com “Evas” incapazes de discernimento, chamando a atenção ainda para a dupla moral existente.

A parte seguinte dá elementos interessantes para contextualizar a presença significativa de crianças geradas e nascidas fora dos laços do sacramento do matrimônio. Na seção intitulada “Los nascimientos de niños no legitimados por el santo matrimonio”, Mónica e Nora sublinham os altos índices de ilegitimidade que são encontrados, e, com certeza, muitas dessas crianças seriam fruto de relações sacrílegas, entre padres e mulheres de diversas categorias.

O capítulo intitulado “Un panorama hispano-americano de convivencias sacrílegas a partir de la historiografía existente” aponta uma questão levantada pelas autoras, que merece atenção: se não era possível frear e conter os impulsos dos indivíduos, poderia sugerir-se que, ao menos, fossem moderados no registro de assentamento formal. De fato isso nos coloca questões importantes como a dúvida sobre, se de fato, seriam realmente desconhecidos os pais. Na verdade, os casos referidos na historiografia analisada pelas autoras mostram que a preferência era encobrir a identidade dos pais, visando possivelmente evitar os escândalos e situações de “desconforto” diante dos tratos ilícitos e sacrílegos... De sublinhar ainda que os casos de sacrilégio estavam espalhados por todo o espaço hispânico: são referidos exemplos do México, Cuba, Porto Rico, Guatemala, Venezuela e, por fim, na Argentina,

tema que as autoras abordam na sessão seguinte “Amores sacrílegos en el actual territorio argentino”.

O estudo aponta uma infinidade de casos detectados de amancebamento de curas com escravas, mestiças, índias, pardas, negras, mas também não escapavam desse “desvio” as senhoras principais da sociedade... Seguindo a estratégia do “silêncio e tolerância”, sem dúvida, muitos deles permanecerão na sombra para sempre. Mas as autoras, a partir de uma busca em fontes variadas, conseguiram levantar o véu sobre muitos relacionamentos de clérigos que vieram à luz, revelando, como sublinhamos, facetas das famílias criadas a partir dessas uniões condenadas, mas toleradas e que geravam proles consideradas espúrias.

Na continuação, as autoras nos brindam com a “Presentación y análisis crítico de la casuística”. Mais uma vez também aqui fica explícita a política de tolerância em relação aos casos de amancebamento, assim como se percebem semelhanças em relação aos comportamentos e faltas mais frequentes às trajetórias dos clérigos reconstruídas ao longo do texto. Mais ainda, esta seção deixa claro que a aplicação da metodologia do cruzamento de fontes variadas teve um papel fundamental para revelar que tais situações diziam respeito ao clero latino americano, tanto regular quanto secular.

Encaminhando-se para as seções finais do livro, as autoras apresentam o estudo dos amancebamentos entre os clérigos dividido em três partes, como segue:

(i) *Los amancebamientos y descendencia de religiosos con mujeres españolas y criollas solteras, viudas y casadas; otras denuncias y sospechas de relaciones. El caso de un fraile casado. El paredón de fusilamiento como desenlace de un amor sacrílego.* Encontramos aqui cerca de uma dezena de casos que têm trajetórias muito bem documentadas. Casos “saborosos” que nos revelam as possibilidades oferecidas pelo cruzamento de fontes variadas que, sem dúvida, o leitor poderá desfrutar a partir da leitura da obra propriamente dita.

(ii) *Concubinatos de clérigos y magistraturas de la Iglesia con mujeres de servicio doméstico.* Neste item, as autoras nos mostram que, tanto quanto os senhores leigos, os clérigos também tomavam suas escravas como concubinas e geraram prole sacrílega. As autoras recuperaram casos bem-sucedidos de escravas e sua prole que tiveram mobilidade ascendente. Muitos dos casos reúnem uma documentação farta que compõe trajetórias detalhadas, sendo que várias delas tiveram considerável estabilidade no tempo. Também mostra um caso que chama a atenção porque revela o caso de duas escravas (mãe e filha) que se insurgiram, indo à justiça contra a exploração sexual imposta por seu senhor, o presbítero D. Marcos Ariza.

(iii) *Clérigo concubinário con mujer india: denuncia y sospechas.* Fechando o giro em relação aos casos de uniões e

geração de prole sacrílega, as autoras trazem à luz um único caso que envolve um clérigo e uma mulher índia casada.

À modo de conclusão, a leitura do livro *Amores sacrílegos* nos presenteia com uma reflexão sólida acerca dessa temática que se procurava manter oculta e no esquecimento. Ao longo das partes que integram o livro, são trazidos para a apreciação do leitor casos que envolvem clérigos e seus amores sacrílegos com mulheres de amplo espectro social, desde senhoras espanholas até as de estatutos mais subalternos. Ao final da leitura, fui levada relativizar um pouco mais a ideia de que “nem todas as mulheres aceitariam esse tipo de relacionamento com religiosos”, como as autoras afirmam no seu texto. Nem todas, com certeza... *Mas muitas vivenciaram esses relacionamentos sacrílegos.* Não podemos esquecer que esses casos (que são recorrentes) representam apenas aqueles a que tivemos acesso através das fontes, mas não temos a ideia de quantos ficaram esquecidos no tempo por conta de não terem gerado “vestígios documentais” que possam ser analisados pelos historiadores. Sem dúvida, temos que estudar o comportamento do clero assim como, quando as fontes permitirem, também as mulheres que se dispuseram (ou foram constrangidas) a aceitar esse tipo de união. Vimos que, embora fossem condenadas, eram toleradas com certa frequência e, apenas em casos excepcionais, chegavam a desembocar em tragédias como a que Mónica e Nora nos apresentam ao analisar o caso de Camila O’Gorman e do cura Uladislao Gutiérrez.

De fato, o que despertou minha curiosidade, ao terminar de ler o magnífico texto (que conta com apresentação primorosa de Antonio Irigoyen López, da Universidad de Murcia e estudioso do clero ibero-americano), foi o fato de que o concubinato com índias ocupa, comparativamente, pouco espaço. Apenas um caso de “denúncia e suspeita”, isto é, uma acusação que não foi adiante...

Será que o concubinato com as índias ainda teria uma tolerância maior, por conta da desclassificação social das mulheres envolvidas, fazendo com que poucos casos tivessem despertado o escândalo e a intolerância/ denúncia e chegado às autoridades? Sua subalternidade teria empurrado estes relacionamentos ao limbo?

Depois dessa leitura, e a partir das conclusões apresentadas pelas autoras, temos que examinar com mais atenção e cuidado o papel e a função que os clérigos tinham nas sociedades hispano-americanas. Delegados de Deus... Portadores da cultura... Únicos homens socialmente autorizados a comunicar-se livremente com as damas... Chaves de acesso à salvação eterna... Eles eram tudo isso e muito mais... Como vimos em muitas oportunidades, “atrás da cruz estava o diabo”...

É uma página pouco estudada, mas as autoras mostraram que é possível recompor trajetórias ricas de

vivências e contradições que caracterizaram as relações entre homens do clero e suas concubinas, e que, tudo indica, estão longe de estar restritas ao espaço das dioceses de Tucumán e Buenos Aires...

Ricas e instigantes são também as análises que as autoras fizeram das crianças geradas através dos amores sacrílegos e as estratégias bem ou mal sucedidas de fazer com que essas crianças fossem reconhecidas e obtivessem um lugar nessa sociedade.

Como bem mostraram, os casos de legitimação de filhos sacrílegos acolhidos pela coroa espanhola foram os que envolviam religiosos de famílias mais abastadas, e que a marca do sacrilégio, isto é, descender de um religioso com ascendência materna e paterna reconhecida, era melhor que não ter nenhuma... Ou seja, tal como no Brasil colo-

nial, ser filho de padre ainda era considerado uma “honra”, como já foi afirmado pelo historiador Caio Boschi.

Só me resta convidar a todos para adentrar na vida desses indivíduos, através da leitura dos *Amores sacrílegos: amancebamientos de clérigos en las diócesis del Tucumán y Buenos Aires: Siglos XVIII y XIX*.

Referências

NEVES, M. de F.R. 1993. O sacrilégio permitido. In: M.L. MARCÍLIO (org.), *Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, p. 135-148.

CASTRO, J.L. de. 2011. *Transgressão, controle social e igreja católica no Brasil: Goiás, século XVIII*. Goiânia, Ed. PUC/Goiás, 326 p.